

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES DE RONDÔNIA SUBMETIDOS A TRANSPLANTE HEPÁTICO ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2021

CARVALHO, Pérola Fernandes Ribeiro de¹; SILVA, Leonardo Moret Pereira da¹; DURLACHER, Rui Rafael¹; Centro Universitário São Lucas - AFYA EDUCACIONAL¹

INTRODUÇÃO: O transplante de fígado é um procedimento altamente complexo de extrema importância para pacientes que sofrem de cirrose, insuficiência hepática fulminante e carcinoma hepatocelular. Sua história remonta a 1963, quando a primeira tentativa foi realizada em uma criança portadora de atresia biliar nos Estados Unidos. Desde então, o procedimento evoluiu consideravelmente em termos de complexidade, exigindo equipes altamente especializadas para sua execução. No Brasil, o primeiro transplante de fígado foi realizado em 1968 no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP). Nos anos subsequentes, o procedimento saiu do campo experimental e se tornou uma opção terapêutica disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Isso resultou em um aumento significativo na prática de transplantes de fígado no país. Apesar desses avanços, ainda existe espaço para aprimoramento e pesquisa na área. **OBJETIVO:** Este trabalho visa analisar o perfil clínico-epidemiológico de pacientes de Rondônia que passaram por transplante hepático em um hospital de referência em Porto Velho, no período de 2012 a 2021. A análise inclui o estudo das principais doenças que levaram ao transplante, a taxa de transplante hepático, a taxa de sobrevida nos primeiros cinco anos e a identificação de possíveis fatores de risco associados a desfechos fatais. **METODOLOGIA:** O estudo foi realizado obedecendo às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, Resolução CNS nº 466/2012, tendo sido enviado para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário São Lucas. Inicialmente, os dados relevantes foram coletados de fontes apropriadas através de prontuários eletrônicos obtidos por meio da Central de Transplante de Rondônia em colaboração com uma clínica especializada em transplantes de fígado, pâncreas, rim e transplantes duplos, situada em São Paulo. Durante os 09 anos, entre o período de 2012 e 2021, foram avaliados 43 prontuários eletrônicos. Os dados coletados foram importados para o software Microsoft Excel 2019 para organização e estruturação. Foram criadas planilhas separadas para cada categoria de órgão transplantado, garantindo a clareza e a acessibilidade dos dados. Pacientes que não passaram pelo transplante hepático ou cujos dados não estavam adequadamente preenchidos foram excluídos da análise, bem como aqueles que não eram naturais do Estado de Rondônia. Para avaliar a distribuição de dados categóricos e a proporção de diferentes variáveis, realizou-se a análise por porcentagem. Isso permitiu a compreensão de como diferentes variáveis se relacionam com a amostra estudada. Os resultados da análise estatística foram apresentados em gráficos e tabelas, destacando os principais achados da pesquisa. Essas representações visuais auxiliaram na comunicação clara dos resultados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados obtidos revelam que a maior prevalência dos pacientes transplantados eram do sexo masculino, correspondendo a 77% de 43 pacientes analisados e a faixa etária mais afetada foi entre 50 e 64 anos entre 35 pacientes analisados. As patologias mais associadas ao transplante hepático foram Hepatite Viral C (31%), Hepatite Viral B (24%) e Hepatocarcinoma (24%). A menor prevalência da Hepatite Viral B em relação à Hepatite Viral C, obtida por meio desta pesquisa pode estar

diretamente relacionada ao contexto histórico da vacinação contra hepatites virais na região Norte, em especial no município de Lábrea, no qual, houve um aumento da prevalência das hepatites virais, particularmente da hepatite B, a partir dos anos cinquenta. Diante desse aumento, em 1986, durante o Primeiro Simpósio Brasileiro sobre Delta, foi sugerido que a vacinação contra hepatite B fosse estendida aos 13 municípios da região amazônica, onde já se tinha informações sobre a alta endemicidade do HBV e HDV. Ou seja, a vacinação da Hepatite B pode ter influenciado na diminuição desses casos quando comparada à Hepatite C. Dos 10 pacientes que apresentaram Hepatocarcinoma, 40% apresentavam juntamente Hepatite C, 40% apresentavam Hepatite B, 10% apresentavam Hepatite B associada a Hepatite D e 10% apresentava associada ao câncer cirrose criptogênica. Os sintomas e sinais que se destacaram foram a ascite (60%), edema de membros inferiores (40%) e dor abdominal (36%). Dos 25 pacientes que possuíam as principais patologias (Hepatite C, Hepatite B e Hepatocarcinoma), 12 deles vieram a óbito. Foram a óbito 4/9 pacientes que apresentavam apenas Hepatite C, 1/2 com pacientes que apresentavam somente Hepatite B e 7/10 pacientes que apresentavam Hepatocarcinoma. A maior incidência de óbitos associados às infecções pelo VHC ou VHB pode ser atribuída à tendência das formas crônicas dessas infecções em apresentar um elevado risco de evolução para cirrose, descompensação hepática e carcinoma hepatocelular, o que resulta em uma probabilidade significativamente maior de morte. Dos 43 pacientes analisados, 17 foram a óbito, o que representa uma taxa de mortalidade de 40%. No entanto, é importante ressaltar que um dos pacientes não possuía registro do ano do transplante hepático. Portanto, dos 17 pacientes que faleceram, 16 foram analisados em relação aos anos de 2012 a 2021. Desses, 16, observa-se que o ano de 2013 teve o maior número de transplantes, enquanto os anos de 2012 e 2013 registraram o menor número de óbitos. Além disso, Houve predominância do óbitos no sexo masculino, contando apenas com 01 óbito do sexo feminino em 2015. Também foi analisada a taxa de sobrevida após 05 anos da data do transplante. Para analisar a expectativa de vida dos pacientes após 5 anos contados a partir da data da cirurgia do transplante, foram selecionados os anos de 2012 a 2017. De 24 pacientes transplantados, 21 pacientes apresentaram sobrevida de 05 anos, o que representa 70,8% do grupo analisado.

CONCLUSÃO: A análise desta pesquisa revela que entre os pacientes submetidos a transplante hepático em Rondônia durante o período de 2012 a 2021, os principais fatores de risco associados a um desfecho para óbito incluem ser do sexo masculino, na faixa etária de 50 a 64 anos, com diagnóstico de ascite, hepatopatias virais ou hepatocarcinoma. Por outro lado, aqueles que sobreviveram ao procedimento apresentam uma taxa de sobrevida após 05 anos de aproximadamente 71%.

AGRADECIMENTOS: Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) pelas oportunidades e apoio proporcionados ao longo deste projeto. Nossa gratidão se estende às instituições que tornaram este trabalho possível, incluindo o Centro Universitário São Lucas- AFYA Educacional e ao Hospital de Base Ary Pinheiro. Além disso, gostaríamos de estender nosso reconhecimento ao nosso orientador, Dr. Rui Rafael Durlacher, cuja orientação e expertise foram fundamentais para o sucesso deste projeto. Agradeço por sua paciência, apoio constante e conselhos quanto ao tema que contribuíram significativamente para o sucesso deste projeto de pesquisa. E também ao Dr. Leonardo Toledo Mota, que contribuiu com ensinamentos valiosos sobre o Transplante Hepático em Rondônia para o desenvolvimento deste trabalho e auxílio com a coleta de dados que foram fundamentais para o sucesso deste projeto. Este trabalho de pesquisa não teria sido possível sem o apoio, orientação e recursos fornecidos por todas essas partes envolvidas. Agradecemos sinceramente por tornarem esta experiência educacional e científica enriquecedora e produtiva.

Palavras-chave: Transplante de Fígado, Perfil clínico-epidemiológico, Falência Hepática

E-mail: perolafernandesrc@gmail.com;
rui.durlacher@saolucas.edu.br

Imoret555@gmail.com;